

**DESPORTO****BENFICA SAD****0,42%**

2,36 euros

**FC PORTO SAD****1,0%**

1,01 euros

**SPORTING SAD****0,0%**

1,04 euros

# Gestor, havaiano e campeão mundial

**Bodyboard** Aos 34 anos, Jeff Hubbard acumula dois títulos mundiais com um MBA em gestão internacional.**Filipe Garcia**  
filipe.garcia@economico.pt

Nasceu na pátria do surf, mas era para os bodyboarders Mike Stewart e Haole Reeves que olhava com admiração e foi com uma das pranchas sem quilhas que começou, ao lado do irmão Dave, a explorar as ondas do arquipélago onde partem as melhores ondas do Mundo. O pai, Marc, passava dias na praia. Surf, bodyboard, bodysurf, mergulho ou pesca, os tempos livres do patriarca eram passados na água e os mais novos apanharam o vício. Hoje, Jeff é bicampeão do Mundo de bodyboard e Dave sagrou-se no ano passado campeão mundial de drop knee, uma variante do desporto em que os atletas fazem as ondas de joelhos. Até domingo estarão os dois em Sintra para a mais antiga e mais bem paga - 47 mil euros de prize money - etapa do Mundial de bodyboard.

“Do ponto de vista do negócio foi má escolha. Hoje seria mais rico se fizesse surf, mas duvido que fosse melhor pessoa. Não conheço um surfista do Mundial que tenha MBA em gestão e as pessoas que andam no bodyboard são mais terra a terra”, diz Hubbard, orgulhoso da opção que fez há mais de 25 anos. Nascido em Oahu, mas com a infância passada na ilha vizinha de Kauai, aos 17 anos voltou à ilha natal e estreou-se em Pipeline, a onda mais concorrida do Mundo. “Foi preciso ir subindo. Hoje sou amigo de todos os locais, mas há uma

hierarquia muito organizada. Seja de bodyboard ou de surf, se não te conhecerem não apanhas ondas”, diz. Mas nem os dois títulos mundiais lhe evitam sustos. “Tenho muito medo de tubarões. Se começo a pensar que estão perto e vejo um, fujo logo”, reconhece o havaiano para quem as ondas grandes continuam a merecer cuidado especial. “Quando o mar está enorme, com ondas de mais de cinco metros, mete medo. Acabo quase sempre por me esquecer do medo e tento qualquer coisa estúpida”, confessa o atleta que se fez conhecido pelos enormes voos e que tem no air-forward/front flip a manobra favorita. Tradução: “No ar, faço um 360º e mortal para diante antes de aterrar na frente da onda.”

O “havaiano voador”, como é conhecido entre a comunidade,



Em Sintra realiza-se a mais antiga e mais bem paga - 47 mil euros de 'prize-money' - etapa do Mundial da modalidade. Hubbard tenta repetir o êxito do ano passado.

surfa para repetir o feito do ano passado quando venceu a etapa em Sintra e se sagrou campeão do Mundo. No entanto, sabe que para o ano estão reservadas novidades. “Vamos ter um novo Mundial, com etapas nas melhores ondas. Gostava muito de voltar a ser campeão”, reconhece, mas aponta para a forte possibilidade de este ano o título ficar, pela primeira vez, nas mãos de um europeu. “A aposta mais segura é um francês”, diz, referindo-se a Amaury Laverhne e a Pierre Louis Costes, líderes da classificação.

“Não preciso de abrir a minha própria empresa. Saberá como o fazer, mas ganho suficiente dinheiro assim e a minha qualidade de vida é superior. Sou um sortudo”, admite. E sabe que o bodyboard, como qualquer desporto, precisa de mercado que o sustente. “No Havai a indústria do surf sufoca o bodyboard. Faltam patrocinadores para os miúdos que estão a começar.” Hoje o epicentro mundial do desporto está na Austrália - onde, diz o campeão, “há mais marketing que dinheiro” - mas a globalização está a chegar. “O desporto tornou-se global. Na Europa e especialmente em Portugal há muita gente a fazer bodyboard. É preciso saber aproveitar e este ano até tenho um novo distribuidor para as minhas pranchas”, congratula-se o atleta que ganha percentagem sobre cada um dos seus modelos vendidos internacionalmente. “Não sei quantas pranchas se vendem. Só sei o valor em dólares”, confessa, entre sorrisos. Uma réplica da prancha campeã do Mundo custa mais de 300 euros e tanto pode ser comprada no Havai, em Portugal, França ou na Austrália, mas mesmo assim a indústria do bodyboard continua muito longe da realidade do surf em pé. “Se um dia podemos chegar ao mesmo nível? Claro! Bastava que Bill Gates fizesse bodyboard e investisse 500 mil euros no marketing do desporto. Para o que se gasta, uma ou duas centenas de milhar de dólares, até estamos bem, mas no surf os valores estão em milhões. Não é comparável.” ■

## Catarina Sousa - a vencedora portuguesa

Foi há quinze anos, na primeira edição do Sintra Pro, que Catarina Sousa se estreou em etapas do Mundial. “Tinha 17 anos, tive de passar a rebenação sozinha, o que era uma novidade. Fiquei cheia de medo porque o mar estava enorme. As ondas tinham 1,5 metros”, ri-se a bodyboarder que há muito se habituou a surfar ondas bem maiores e que, no ano passado, se tornou a na primeira portuguesa a vencer a mais antiga e pontuada etapa do

Mundial da especialidade. “Em 15 edições nunca falhei sequer um dia e sempre sonhei ser eu a receber o prémio. No ano passado consegui”, conta ao Diário Económico. Este ano, ambiciona mais. “Quero voltar a ganhar a etapa e gostava muito de ser campeã do Mundo. Sei que não tenho o talento da Neymara Carvalho [brasileira pentacampeã do Mundo], mas trabalho mais para lá chegar”, indica. A final é no domingo.

